

CINEMA E EDUCAÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE O USO DE FILMES COMERCIAIS COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS E A APRENDIZAGEM, PELAS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Edilce Maria Balbinot – edilcemb@gmail.com

Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Charlie Antoni Miquelin – charlie@utfpr.edu.br

Doutor em Física Aplicada em Medicina e Biologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto - SP.

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa feita com estudantes da Educação Básica, de duas escolas públicas de Curitiba, por meio de questões semiestruturadas, onde apresenta e analisa as opiniões dos estudantes na utilização de filmes comerciais como recurso pedagógico. Embora filmes sejam obras cinematográficas, pensadas e produzidas prioritariamente com objetivo de entretenimento, pode-se pensar neles como recursos audiovisuais com fins pedagógicos e que estimulam a atenção dos estudantes. Nesse sentido, os filmes tornam-se um recurso pedagógico que auxilia nas aulas despertando o interesse dos estudantes, com potencial educativo, possível de estimular a aprendizagem, dentro das tecnologias utilizadas na escola, os filmes podem ser considerados como um destacado aliado didático-pedagógico. Teve como objetivo identificar e discutir as fragilidades na utilização desse recurso tecnológico para uma melhor adequação como instrumento pedagógico pelos professores. Dessa forma, por meio das respostas dos estudantes obtidas, fez-se as análises e discussões embasadas na teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, Novak e Hanesian (1980), em considerações de Rosália Duarte (2009), José Manuel Moran (2005), entre outros. Estas análises permitiram apresentar possibilidades de encaminhamentos pedagógicos que podem auxiliar no trabalho pedagógico dos professores que fizerem uso desse recurso possibilitando obter resultados importantes no ensino dos conteúdos científicos nas aulas.

PALAVRAS-CHAVE: Filmes; Recurso pedagógico; Aprendizagem Significativa.

1 INTRODUÇÃO

Desde que o cinema chegou ao Brasil no início do século XX, vem sendo discutida a influência dos filmes na formação das pessoas, passando as posturas dos pensadores por desde o entusiasmo pedagógico até as ideias mais conservadoras acerca de uma suposta influência “maléfica” que os filmes exerceriam sobre a escolarização da juventude. Quanto a essa postura, os argumentos vão desde a afirmação de que os espectadores/receptores recebiam as mensagens de forma passiva até o entendimento mais radical de que sua atividade intelectual era bloqueada pela sutileza e pela complexidade da linguagem audiovisual (SETTON, 2004).

A partir dos anos 1980, os estudos sobre recepção ou da interpretação de audiências começaram a questionar essa concepção conservadora, alegando que por trás do espectador dos filmes existe um sujeito social dotado de valores, de crenças, de saberes e de informações próprios de sua cultura, e que interage, de forma ativa, na produção dos significados das mensagens, ou seja, ele, sujeito espectador, não é vazio e tampouco tolo, pois suas experiências, sua visão de mundo e suas referências culturais interferem no modo como ele vê e interpreta os conteúdos da mídia (DUARTE, 2009).

A utilização de filmes comerciais, dentro de uma proposta metodológica articulada com os conteúdos escolares, pode representar uma forma diferente de apresentar o conhecimento científico. Napolitano (2009) destaca:

Ver filme na escola não é como ver filme em casa e nem no cinema. O professor tem que pensar o seu uso. É um exercício de aprender a ver filmes, mas também de aprender a pensar sobre o mundo. O uso do filme na escola não pode partir só da subjetividade, do “eu gostei”, “é divertido”, “quero ver pancadaria”. Dessa forma os estudantes veem em casa. Na escola, o uso dos filmes precisa ter conotação didática (NAPOLITANO, 2009, p. 23).

Além disso, ao buscar novas abordagens que culminem em estratégias e em reflexões para problematizar a forma como a produção do conhecimento é ensinada/aprendida, a utilização do cinema surge não só como um recurso pedagógico de reflexão na sala da aula, mas também como um meio de múltiplas possibilidades de criação e de produção do saber (SCHEID, 2013).

E o desafio da escola no século XXI, segundo Artuso (2014), é que os professores concebam, em suas práticas pedagógicas, a possibilidade de ensinar utilizando músicas, filmes ou o celular. A dificuldade muitas vezes encontrada está em o professor romper com suas concepções tradicionais de ensino, concepções em que a aprendizagem devia seguir uma estrutura mais fechada, é claro, não podia ser divertida. Outras concepções, neste novo século, precisam ser implantadas.

De pronto é preciso mencionar que o filme, enquanto instrumento de aprendizagem, pode conciliar o interesse dos estudantes com inúmeras possibilidades de mediação e motivação, além de ser um recurso popular e acessível, com uma linguagem muitas vezes, simples e de fácil compreensão. Filmes propiciam bons debates sobre problemas que enfrentamos no dia a dia da atividade educacional (DUARTE, 2009).

Nessa busca de materiais que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem, pensando na pluralidade metodológica, o professor recorre às tecnologias e, dentre as utilizadas na escola, no campo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), encontram-se os filmes.

No sistema nacional de educação percebe-se a necessidade de uma adequação do uso das tecnologias e da diversidade de recursos eletrônicos presentes. Em uma época marcada pelo excesso de informações, o professor precisa estar atento para utilizar os recursos tecnológicos integrados ao processo de ensino e não apenas como distração ou fuga, ou seja, ele não fazer uso apenas do que não altera a rotina da escola, do professor ou do estudante. Em outras palavras, o professor precisa assumir novos recursos tecnológicos ainda que eles venham a quebrar qualitativamente tradicionais rotinas, vindo a implantar mudanças substantivas, mudanças que, na realidade, não sejam apenas de aparência (MORAN, 2005; CYSNEIROS, 2010).

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Na teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, Novak e Hanesian (1980) encontram-se elementos que auxiliam na busca de um ensino com mais qualidade, dando condições de rever a prática em sala de aula utilizando reflexões epistemológicas, e não tanto intuitivas, de uma teoria que aponta o processo pelo qual se dá a aprendizagem, tal como as variáveis que a influenciam. Ele considera dois tipos de aprendizagem: a Aprendizagem por Recepção - onde todo o conteúdo daquilo que vai ser aprendido é apresentado ao estudante sob a forma final; e a Aprendizagem por Descoberta - em que o conteúdo que vai ser ensinado não é dado, mas descoberto pelo estudante antes de ser significativamente incorporado à estrutura cognitiva dos mesmos (AUSUBEL, NOVAK e HANESIAN, 1980). Tanto a Aprendizagem por Recepção, quanto a Aprendizagem por Descoberta pode ser Mecânica ou Significativa.

A Aprendizagem Mecânica ocorre quando o conteúdo, a ideia ou o tema é relativamente isolado e relacionado nas estruturas cognitivas de forma arbitrária e literal, não permitindo relações significativas. Na Aprendizagem Significativa o estudante consegue fazer relações significativas (derivativa, correlativa, sobreordena e combinatória) não arbitrárias tendo como ancorar o conteúdo, a ideia ou o tema proposto em conceitos já existentes nas estruturas cognitivas (AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN, 1980).

A iniciativa de reconhecer os conhecimentos prévios dos estudantes está no cerne da proposta de Ausubel, Novak e Hanesian (1980), onde ele diz “[...] o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe; determine isso e ensine-o de acordo”. A aprendizagem significativa, segundo o autor, é o processo pelo qual uma nova informação se relaciona com algo que já se saiba (conhecimento âncora) existente nas estruturas cognitivas do estudante. Ou seja, o conteúdo previamente apreendido por ele representa um importante indutor

na aprendizagem. O conhecimento prévio servirá como um "ponto de ancoragem" para novas informações. Esse "conhecimento âncora" ele chamou de conceito subsunçor.

De onde vêm os subsunçores? Para Ausubel, Novak e Hanesian (1980), a aprendizagem mecânica é uma das formas de se criar conceitos "âncora". Dessa forma, os conceitos são armazenados de uma maneira arbitrária ficando distribuídos nas estruturas cognitivas sem relacionarem-se a conceitos subsunçores específicos. Ausubel não estabelece distinção entre aprendizagem significativa e mecânica. Para ele é um *continuum* de modo que a aprendizagem mecânica é sempre importante em uma área de conhecimento nova para o estudante, possibilitando a formação de novos subsunçores. A medida que a aprendizagem passa a ser significativa estes subsunçores vão tornando-se cada vez mais elaborados e capazes de ancorar novas informações (MOREIRA, 2001).

Ausubel, Novak e Hanesian (1980) dizem que, para que ocorra a aprendizagem significativa; o uso de organizadores prévios que servirão de âncora para a nova aprendizagem levando ao desenvolvimento de conceitos subsunçores para a aprendizagem subsequente. Nesse sentido,

os organizadores prévios são úteis para facilitar a aprendizagem na medida em que funcionam como "pontes cognitivas". A principal função dos organizadores é, então, superar o limite entre o que o aluno já sabe e aquilo que ele precisa saber, antes de poder aprender a tarefa apresentada. (MOREIRA, 2001, p. 21).

Ainda de acordo com Moreira (2001), para que ocorra a aprendizagem significativa são necessárias algumas condições:

Material a ser assimilado seja potencialmente significativo, não arbitrário em si, ou seja, algo que desperte interesse no estudante;

Ocorra um conteúdo mínimo na estrutura cognitiva do indivíduo, com subsunçores para suprir as necessidades relacionais;

O aprendiz apresente uma disposição para o relacionamento e não simplesmente para memorizá-lo. Para Ausubel (1968) o estudante deve querer aprender. Muito comum em estudantes acostumados a métodos de ensino, exercícios e avaliação repetitivos e rigidamente padronizados. (MOREIRA, 2001, p 22).

Nesta perspectiva, entende-se que, para a compreensão de conhecimentos científicos, conhecimentos mais elaborados, buscando a aprendizagem significativa encontra-se na teoria de Ausubel e colaboradores, a orientação necessária para justificar a utilização de filmes. Eles poderão contribuir na formação de conceitos subsunçores e também na função de organizadores prévios em determinados conteúdos. Ausubel considera a televisão e o cinema como meios educativos independentes e autossuficientes, com vantagens indubitáveis sobre as aulas convencionais.

Considerando ainda a teoria de Ausubel, Novak e Hanesian (1980), há um considerável corpo de pesquisa sobre o valor educacional da televisão e dos filmes, mostrando-se mais eficaz quando estes recursos foram utilizados com algum outro processo de educação. Para constatar a aprendizagem mostrando o valor educacional dos filmes, a avaliação deverá obter resultados levando-se em conta os tipos de aprendizagem significativa: A aprendizagem representacional é a atribuição de significados a determinados símbolos (tipicamente palavras); a aprendizagem de conceitos; e a aprendizagem proposicional, que é a aprendizagem de ideias (AUSUBEL, NOVAK e HANESIAN, 1980).

Na aprendizagem receptiva-significativa leva-se em conta a retenção e a organização do conteúdo escolar. Sendo assim, a utilização de filmes para motivar ou mediar aprendizagem auxilia na abstração, na generalização e na abrangência dos conteúdos organizando estes conteúdos nas estruturas cognitivas dos alunos. Por tanto,

grande parte da aprendizagem e toda a retenção e organização dos assuntos são fundamentalmente hierárquicas, procedendo de cima para baixo em termos do nível de abstração, generalização e abrangência. A integração de diferentes assuntos é facilitada nas aulas expositivas se o professor e/ou os recursos didáticos disponíveis anteciparem explicitamente o emaranhado de semelhanças e diferenças entre as novas ideias e as ideias relevantes já presentes na estrutura cognitiva de cada aluno (AUSUBEL, NOVAK e HANESIAN, 1980, p. 97).

Ausubel, Novak e Hanesian (1980) dizem que: “um recurso moderno é um esquema pedagógico que auxilia a preencher o vazio que existe entre o que o aluno já sabe e aquilo que precisa saber, se quiser adquirir novos conhecimentos, mais ativa e rapidamente”. A utilização dos filmes como recurso tecnológico nas aulas de Ciências Naturais cresce em espaço na metodologia, estimulando o professor na busca de encaminhamentos adequados para enriquecer sua prática.

Segundo Duarte (2005), é preciso conferir significação "contextualizada" e valores de informação às imagens e aos sons percebidos. O filme atua associado estruturalmente à percepção. Num processo cognitivo, para "compreender" um filme, o espectador precisa assimilar, classificar, hierarquizar, segmentar o fluxo audiovisual de maneira a extrair dali as informações julgadas pertinentes. O segmento cognitivo é uma unidade de compreensão susceptível de fazer progredir um argumento (narrativo, científico, estético, entre outros). Num filme de ficção, por exemplo, todo diálogo, ruído, gesto, série de gestos, cenário ou objeto susceptível de se integrar ao processo argumentativo, pode constituir um segmento interpretável, qualquer que seja seu modo de apresentação fílmica.

2.1 METODOLOGIA

Este estudo surgiu da necessidade de entender se os filmes como recursos pedagógicos, são de interesse dos estudantes e o que aprendem com eles. O objetivo da pesquisa realizada em sala de aula foi buscar um recurso que auxilie a compreensão do conhecimento científico, facilitando a relação desse conhecimento com os conteúdos prévios que possuem buscando a aprendizagem significativa.

A inserção e discussão de filmes nas práticas educacionais constituiu-se um recorrente mecanismo de problematização e potencialização do aprendizado de conhecimento escolar. A questão é a utilização deste recurso traz resultados significativos de aprendizagem, levando o aluno a fazer relações do conteúdo apresentado no filme com os conteúdos científicos? Para tanto, realizou-se essa pesquisa com 47 estudantes do segundo ano do Ensino Médio em duas escolas públicas na cidade de Curitiba, com turmas do turno da manhã e da noite. Caracterizando-se como pesquisa qualitativa, com coletas de dados empíricos, por meio de questões semiestruturadas, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa, (BARDIN, 2011). Para tanto, utilizaram-se as questões elencadas no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Questões aplicadas aos alunos

1- Você acredita aprender algo com os filmes ou seriados?
2- Justifique sua resposta.
3- Que gênero de filmes você gosta?
4- Você gosta de assistir filme na escola?

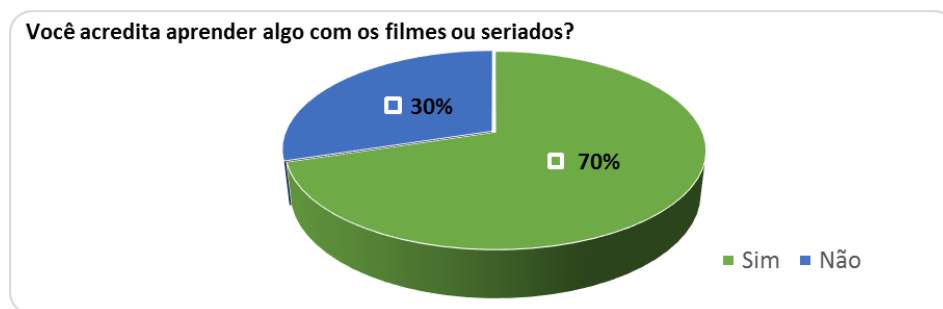
Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Após sistematizadas as respostas fez-se a análise segundo os pressupostos da teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, Novak e Hanesian (1980).

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das questões propostas, centralizou-se a presente análise nas respostas dos estudantes que sinalizaram NÃO, na primeira questão, “Você acredita aprender algo com filmes ou seriados?”. Esse grupo representando 30% do total da amostra, ou seja, 14 alunos disseram que não aprendem algo com os filmes, conforme observa-se na figura 1.

Figura 1 - Gráfico com as respostas dos estudantes para a primeira questão



Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Os estudantes que deram suas respostas negativas para a aprendizagem com filmes, justificaram suas respostas da seguinte forma, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 – Justificativas apresentadas pelos estudantes

ALUNOS	JUSTIFICATIVAS
01	Porque muitas vezes não presto atenção no filme ou porque não me interessa.
02	Porque é só um filme, não vai ter razão na minha vida.
03	Porque não gosto e não acho interessante alguns filmes e seriados.
04	Porque não gosto de alguns tipos de filmes.
05	Porque dá sono e preguiça.
06	Porque quase nunca bate com a realidade.
07	Porque não bate com a realidade.
08	Porque não consigo assistir por inteiro, e na escola deixam pra passar no outro dia e não passam.
09	Porque tem muita ficção e nem sempre é verdade.
10	Porque nos filmes e seriados a maioria não estão baseados na vida real.
11	Porque não gosto dos filmes que passam.
12	Não, porque a vida na televisão é muito diferente da vida real.
13	Porque vejo filme como lazer e não traz informações nenhuma, a não ser um documentário.
14	Porque não assisto filmes para aprender, assisto para me divertir, os que eu acho interessante.

Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Pelas respostas dos estudantes, em primeiro lugar se percebe a falta de motivação, quando relatam que não prestam atenção porque o filme não interessa a eles e porque dá sono e preguiça. Dessa forma, sem a motivação natural para buscarem o conhecimento, o professor precisa buscar meios para deflagrar essa motivação. Vale lembrar que, nessa situação, ou o conteúdo fílmico não é potencialmente significativo ou os estudantes não possuem os conhecimentos prévios importantes para servirem de *esteio* (segundo a Teoria da Aprendizagem significativa) para as informações apresentadas no filme.

Outra questão observada pode ser o fato de os estudantes verem os filmes somente como entretenimento e não perceberem que, além de ali buscarem diversão, podem também aproveitar a atividade para aprender. Nesse caso, Ausubel, Novak e Hanesian (1980) destacam que “[...] o valor pedagógico dos organizadores depende, em parte, de quão bem organizado é o próprio material de aprendizagem”.

Quando os estudantes dizem que *não* aprendem com filmes porque eles não representam a vida real, deduz-se que eles não se reconheceram nos filmes e que não conseguiram estabelecer relações socioculturais com eles, entre o que já vivenciaram e é apresentado nos filmes.

No que diz respeito ao cinema, identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos personagens que a vivenciam é o que constitui o vínculo entre o espectador e a trama. Os cineastas costumam dizer que sem identificação não há filme, ou seja, nada daquilo funciona. Para que a história faça sentido e conquiste a atenção do espectador, até o final, é preciso que haja nela elementos nos quais o espectador possa reconhecer e/ou projetar seus sentimentos, medos, desejos, expectativas, valores e assim por diante (DUARTE, 2009, p 59).

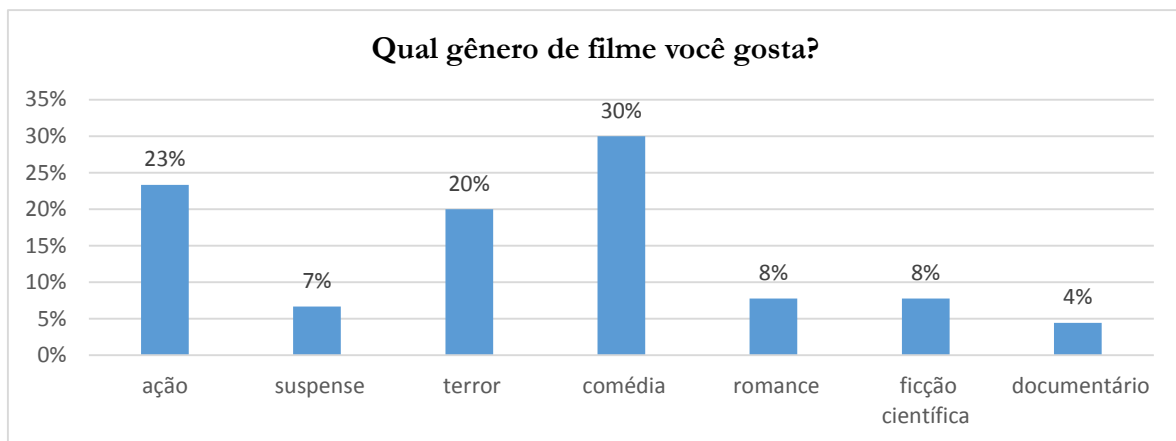
Acrescenta-se, a essas considerações, a importância da exibição na íntegra dos filmes para os estudantes - o que para eles é preferível para que tenham ideia do contexto geral da narrativa fílmica. Os filmes precisam ser apresentados com o máximo possível de referências. O espectador precisa ter acesso a informações que lhe permitam identificar o contexto em que o filme foi produzido: país de origem, nome do diretor (acompanhado de dados biográficos), ano de lançamento, premiações, repercussão, significado que tem para o cinema local e/ou mundial, se é considerado um clássico, se é inovador do ponto de vista técnico ou temático (DUARTE, 2009).

Ainda segundo Duarte (2009), narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam. Assim, portanto, os filmes não são recursos utilizados quando não se pode ou não se quer dar aulas. Dessa maneira, Moran (2005) aponta algumas formas inadequadas na utilização de vídeos de modo geral em sala de aula. Como a pesquisa é feita com filmes comerciais, essas recomendações foram a isso adaptadas, sendo elas: (i) Filme-tapa-buraco: quando falta professor, algumas vezes pode ser produtivo, mas, se utilizado com frequência, desvaloriza esse recurso pedagógico; (ii) Filme-enrolação: a exibição do filme, sem articulação com o conteúdo, com o tempo o estudante percebe a enganação; (iii) Filme-deslumbramento: o professor que descobre a facilidade de baixar filmes da internet e começa exibi-los em todas as aulas, usando exageradamente; (iv) Filme-perfeição: existem professores que questionam todos os filmes, por existirem problemas técnicos e erros de informação, sendo que essas dificuldades podem ser problematizadas e tornar a aula

interessante; e (v) Filme-só-exibição: exhibe os filmes sem discuti-los, sem integrá-los com os conteúdos das aulas.

Nesse sentido, os filmes como cultura de massa precisam ser bem discutidos em sala de aula, com uma postura bem crítica, pois, embora boa parte da população utilize os filmes como entretenimento, algumas ideias vão sendo inculcadas. Para que os filmes se apresentem como fontes de aprendizado de conteúdos científicos, é necessário adequar os objetivos buscados ao gênero fílmico também, a preferência de narrativa fílmica pelos estudantes pode ser uma estratégia importante. A preferência dos gêneros fílmicos dos estudantes pode ser observada na figura 2.

Figura 2 - Gráfico com as preferências fílmicas dos estudantes



Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Essa escolha preferencial por comédia, explicitada na figura 2, pode ser por estarem acostumados a ver filmes como entretenimento somente. Embora poucos tenham escolhido o gênero da ficção científica, percebe-se que, nas escolas, é exibida muita ficção e eles gostam. Uma prova disso é a alta produção de ficção científica pelas indústrias cinematográficas.

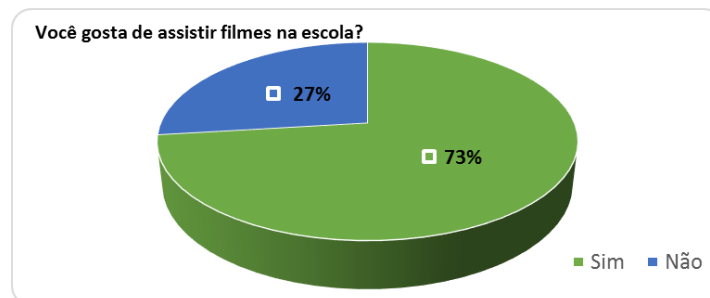
Segundo Ferreira (2014), as bilheterias cada vez mais favoráveis aos filmes de ficção vêm deixando clara a preferência da população em relação aos gêneros fílmicos. Prova disso é a produção de filmes como “Homem de Ferro”, “Os Vingadores”, “X-Men”, “Capitão América”, entre outros.

É importante lembrar que muitos filmes não apresentam um gênero puro, pois podem ter sido concebidos com mais de um, assim causando confusão na escolha por gênero. Diante disso, contudo, o professor, dentro de seu planejamento, precisa priorizar a utilização de recursos integrados com os conteúdos e deve estar comprometido em fazê-lo de forma responsável, oportunizando aos estudantes a visualização dessas obras em sua integralidade, para que o

estudante não fique com sensação de ter sido “enrolado”, descredibilizando o uso desse recurso. Nesse sentido, é importante lembrar as recomendações de Moran (1995), ou seja, evitar o mau uso como filme-tapa-buraco ou enrotação de aula.

Embora muitos alunos critiquem a utilização de filmes na escola, muitos demonstram gostar de assistir, conforme se observa na figura 03.

Figura 3 - Gráfico com as respostas dos estudantes para a quarta questão



Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Percebe-se uma variação na resposta dos que dizem não aprender com filmes na escola, pois alguns deles apesar de responderem que não aprendem com os filmes, gostam de assistir filme na escola. Essa situação demonstra que esse instrumento de aprendizagem pode ser melhor utilizado como motivador. Uma das estratégias para a aprendizagem significativa é utilizar algum recurso que facilite o aprendizado lógico em psicologicamente significativo. Segundo Ausubel, Novak e Hanesian (1980), o significado lógico depende somente da natureza do conteúdo e o *significado psicológico* é uma experiência que cada indivíduo tem, ou seja, é necessário transformar o significado lógico em um significado que faça sentido para o estudante. Cada estudante faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado, ou não, para si próprio.

Ainda segundo Ausubel (2003), a forma mais apropriada de estimular a motivação para a aprendizagem é por meio da concentração nos aspectos cognitivos, em vez dos de motivação da aprendizagem e basear-se na motivação que se desenvolve, de forma retroativa, do desempenho educacional bem-sucedido para estimular mais a aprendizagem. Em outras palavras, a motivação vai além da apresentação de um recurso pedagógico, apresentar-se pelo tempo todo no processo de ensino-aprendizagem e à medida que os estudantes entendem os conteúdos. Para isso, a utilização de um filme pode funcionar também como estratégia motivadora inicial, deflagrando expectativa e curiosidade nos estudantes, tornando-os abertos às informações que a professor intencionalmente lhes propõe.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise não esgotou todas as possibilidades dessa temática, já que a pesquisa foi realizada com um número restrito de estudantes, o que demonstra uma interpretação parcial e particular da compreensão dos estudantes sobre suas opiniões e as implicações na utilização dos filmes na aprendizagem. Na busca pela aprendizagem, a escolha de uma metodologia que privilegie a organização dos assuntos hierarquizados, partindo do que os estudantes já sabem, indo do mais abrangente até as especificidades necessárias para compreensão do conteúdo científico, tem-se na utilização dos filmes como recurso metodológico uma importante contribuição. Lembrando Ausubel, Novak e Hanesian (1980), a integração de diferentes assuntos é facilitada se o professor ou os recursos didáticos anteciparem explicitamente as semelhanças e diferenças entre as novas ideias importantes, já presentes nas suas estruturas cognitivas dos estudantes. A utilização de um instrumento de aprendizagem que tivesse a função de um organizador prévio para servir de ponte, entre o que o estudante sabe e o que pretende-se ensinar. Estes recursos não mais se prestam meramente ao enriquecimento ou à avaliação na transmissão do conteúdo de uma disciplina aos alunos, na verdade assumem um papel mediador dessa aprendizagem. A falta de interesse de alguns estudantes pelos filmes exibidos na escola, denotam a falta de planejamento na utilização desse recurso, o planejamento precisa se dar, desde as condições físicas do ambiente, proporcionando um certo conforto, para garantir a atenção necessária, na exibição na integralidade do filme, até o encadeamento dos conteúdos científicos com a proposta narrativa do filme.

4 REFERÊNCIAS

ARTUSO, A. R. **Os alunos da escola do século XXI**. 2014. Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/educacao/os-alunos-da-escola-do-seculo-xxi.html>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.

AUSUBEL, D. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Rio de Janeiro: Platano, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdos**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CYSNEIROS, P. G. **Interação, tecnologias e educação**. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30958903/Cysneiros.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1501536230&Signature=onESls7SgWNjlyAKG5f%2BIj%2BImFk%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DInteracao tecnologias e Educacao.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30958903/Cysneiros.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1501536230&Signature=onESls7SgWNjlyAKG5f%2BIj%2BImFk%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DInteracao%20tecnologias%20e%20Educacao.pdf). Acesso em 31jul.2017.

DUARTE, R. Do ato de espetatura ao museu de imagens: produção de significados na experiência com o cinema. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 83-102, jan./jun. 2005.

_____. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERREIRA, R. **Os filmes também ensinam ciência...** Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/ricardo_ferreira/2014/08/os-filmes-tambem-ensinam-ciencia.html>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 27-35, jan./abr. 1995.

_____. **A integração das tecnologias na educação**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/integracao.pdf> Acesso em: 15 jun. 2017.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Centauro, 2001.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHEID, N.M.J. A história da ciência no cinema: subsídios para a aplicação no ensino. **SBEEnBIO**, Campinas, v. 1, n. 6, p. 109-121, out. 2013.

SETTON, M. G. J. (Org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume; 2004.

Title

Cinema and Education: The relation between the use of movies as a pedagogical resource and learning through, the students` perspective.

Abstract

This article is a result of qualitative research made with Basic Education students, from two public schools in Curitiba, by means of semi-structured questions, which present and analyze the students` opinions on the use of commercial movies as a pedagogical resource. Although movies are cinematographic works, essentially thought and produced for entertainment purposes, we might think of them as audiovisual resources with pedagogical reasons, able to encourage students to pay attention. In this regard, movies become a pedagogical resource to assist classes arising the students` interest, with an educational potential, capable of stimulating learning and, among the technologies used at school, they can be considered as a relevant didactic-pedagogical ally. The objective was to identify and discuss the flaws in the use of such technological resource to better adapt it as a pedagogical instrument for teachers. In this way, according to the students` answers obtained, analysis and discussions were made based on the Meaningful Learning theory by Ausubel, Novak e Hanesian (1980), and the thoughts of Rosália Duarte (2009), José Manuel Moran (2005), among others. Such analysis contributed to present possibilities of pedagogical directions to assist the pedagogical work of teachers who make use of such resource, providing them with important results in the teaching of scientific contents in class.

Keywords

Movies; Pedagogical Resource; Meaningful Learning.

Recebido em: 31/07/2017.

Aceito em: 30/08/2017.